

FORÇA TAREFA NORMANDIA E O PRIMEIRO ATAQUE AEROMÓVEL DA OPERAÇÃO DESERT STORM

CAP CAV JORGE LUIZ SCHIEL GIGOLOTTI

1. INTRODUÇÃO

Motivado por uma severa crise econômica e antigas reivindicações territoriais, o Iraque invadiu o Kuwait na madrugada do dia 02 de agosto de 1990. Este fato resultou em um dos maiores conflitos militares do século XX, a Guerra do Golfo.

Diversos países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos da América (EUA), formaram uma coalisão para impedir o avanço do Iraque no Golfo, restaurar a integridade territorial do Kuwait e proteger a Arábia Saudita desta iminente ameaça.

Alguns dias após a invasão do Kuwait, tropas da coalisão ocuparam o Golfo de Omã e o deserto saudita para formar uma barreira e dissuadir as forças iraquianas. Esta manobra ficou conhecida como Operação Escudo do Deserto (ou do inglês, Operation Desert Shield).

O fracasso das negociações diplomáticas e a recusa iraquiana de se retirar do Kuwait justificaram o início das campanhas ofensivas contra o Iraque, por meio da Operação Tempestade do Deserto (ou do inglês, Operation Desert Storm).

A Operação Tempestade do Deserto foi caracterizada por uma série rápida e maciça de bombardeiros à posições estratégicas no território iraquiano. Para atingir o máximo de efeito surpresa e impedir uma resposta iraquiana, os ataques precisavam ocorrer simultaneamente e ser precisamente sincronizados.

O início desta grande operação ocorreu por meio de um eficaz ataque aeromóvel (denominado Operação Eager Anvil) em duas posições de radar iraquianos, localizados a cerca de 30 nm (milhas náuticas) da fronteira com a Arábia Saudita e distantes 70 nm entre si.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 ANTECEDENTES E TREINAMENTO

Para atingir os objetivos da Operação Tempestade do Deserto, era fundamental eliminar estas posições de radares, pois isto permitiria a posterior entrada dos

bombardeiros em território iraquiano. O detalhe é que estas duas instalações precisavam ser destruídas simultaneamente, para não dar tempo de reação às defesas antiaéreas iraquianas.

Haviam algumas possibilidades para a destruição dos radares, seriam elas: o emprego de tropas especiais infiltradas, o bombardeio por meio de caças da força aérea ou o emprego de helicópteros de ataque. Para se certificar do sigilo da operação e da confirmação visual de destruição dos alvos, o General Norman Schwarzkopf optou pela última.

A preparação para este ataque iniciou meses antes, por meio da seleção dos tripulantes, buscando não apenas os mais experientes, mas também aqueles com maior facilidade de trabalho em equipe. O treinamento foi intenso e exigiu repetitivos ensaios, que se mostraram fundamentais para o sucesso da ação. Como o sigilo era fundamental, as tripulações foram privadas de inúmeras informações essenciais para o planejamento prévio de uma missão aérea, como o horário do ataque, a natureza dos alvos e a sua localização. Tais dados só foram repassadas no dia da operação, após a sua confirmação pelo escalão superior.

2.2 A FORÇA TAREFA NORMANDIA

Para esta operação, a composição dos meios levou em consideração as capacidades e limitações das aeronaves e dos seus meios e armamentos embarcados. Os Apaches do Exército Americano possuíam uma grande quantidade e diversidade de armamentos, entretanto o seu sistema de navegação não era preciso. Haviam relatos de erros que chegavam a 400m. Era um risco que não poderia ser aceito, por isso a Força Tarefa foi composta com aeronaves MH – 53J, da Força Aérea Americana, que possuíam um inovador sistema de navegação.

Ao final, a Força Tarefa Normandia foi composta por um total de 12 aeronaves, sendo 09 aeronaves AH-64 Apache (01 era reserva) e 04 MH-53J Pave Low. Além disso, haviam aeronaves do tipo UH-60 Black Hawk em território saudita, com equipes Pararescue Jumpers (PJ) embarcados, em condições de realizar missão de Busca e Salvamento (SAR) no caso de alguma aeronave abatida.



Figura 01: Tripulações da Força Tarefa Normandia, após a Operação Eager Anvil. Fonte: Exército dos Estados Unidos da América.

2.3 MEIOS EMPREGADOS

2.1.1 AH-64 APACHE



Figura 02: AH-64 Apache. Fonte: Exército dos Estados Unidos da América.

Aeronave de ataque do Exército Americano, parte da frota da 101st Air Assault Division. Utilizava o Sistema de navegação Doppler Attitude-Heading, que não possuía a precisão necessária para a missão. Era equipado com Mísseis AGM – 114 Laser Guided Hellfire, Foguetes Hydra 70 e Metralhadora .30mm.

2.2.2 MH-53J ENHANCED PAVE LOW III



Figura 03: MH-53J Enhanced Pave Low III. Fonte: Wikipédia.

Helicóptero utilitário da Força Aérea Americana, parte da frota do 20th Special Operation Squadron. Possuía um equipamento de navegação considerado “estado da arte” à época, o Global Positioning System (GPS), que nunca haviam sido testado em combate anteriormente. Era equipado ainda com Metralhadora Lateral M2 Browning .50 pol ou M134 Minigun 7.62mm.

2.4 ALVOS

Os alvos consistiam em duas posições de radares integrados com a defesa aérea (IADS). Estima-se que estas instalações eram compostas por geradores, centros de comando e controle, sistemas de proteção Surface to Air Missile (SAM) e Antiaéreo, além dos próprios radares. O Departamento de Defesa americano designava os radares inimigos com nomes de personagens de histórias em quadrinhos para facilitar a identificação, com isso, radares soviéticos como o R-18, P-15M e SA-2 usados pelo Iraque recebiam nomes como “Spoon Rest”, “Flat Face” e “Squat Eye”.



Figura 04: Radar P-18 “Spoon Rest”. Produzido pela União Soviética na década de 1970, alcance de 250 Km e altura de 35 Km. Fonte: Wikipédia.

Conforme relato dos pilotos (CODY, 1991), a Defesa Antiaérea das instalações radar consistia em armamento soviético do tipo ZPU-4, com 04 metralhadoras 14.5 mm, além de AZP S-60 com calibre 57mm.

2.5 O ATAQUE

A missão foi confirmada apenas na tarde de 16 janeiro de 1991, com a Hora H para o início da Operação Tempestade do Deserto definida para as 03:00h do dia 17 janeiro. Desta forma, o ataque dos Apache às defesas antiaéreas iraquianas deveria ocorrer precisamente as 02:38h.

Como haviam dois objetivos, a Força Tarefa dividiu seus meios em duas equipes, uma para cada objetivo, denominando-os como California e Nebraska. As aeronaves decolaram da Base de Operações Avançada (FOB) de Al Jouf, na Arábia Saudita, às 00:56h. A meteorologia era favorável e a noite escura (cerca de 1% de iluminação da lua), isto dificultava a navegação, mas por outro lado, ocultava as aeronaves.

O perfil de voo era baixo, a velocidade da fração era de 120 Kt e a altura de voo de 50 Ft. Como as aeronaves MH-53J possuíam os recém desenvolvidos equipamentos GPS, estes lideravam a formação, e ao chegarem próximos das posições de ataque, demarcaram o solo com luz InfraRed (IR), visível apenas com óculos de visão noturna (OVN). A fonia foi restrita e toda a iluminação apagada durante todo o deslocamento, garantindo o sigilo da fração. O terreno era desértico e montanhoso, apresentando algumas dessemelhanças com o lugar de treinamento, para superar este desafio, o radar “terrain following/terrain avoidance” (TF/TA) dos MH-53J, somados às câmeras FLIR dos AH-64 auxiliaram na navegação e identificação do relevo e obstáculos.



Figura 05: Esquema de manobra da Operação Eager Anvil. Fonte: arte do próprio autor.

O Ataque às posições durou aproximados 3 min e a destruição dos alvos foi confirmada visualmente pelos pilotos dos Apaches. Próximo às posições de ataque, os MH-53 receberam disparos de mísseis SA-7 Grail, o que exigiu o uso dos meios de “flare”, além de manobras de finta e desta forma não houve danos nas aeronaves. Após o ataque, as aeronaves retornaram para reabastecimento na Base de Ar’Ar e ficaram em condições de cumprir outras missões, como CSAR.

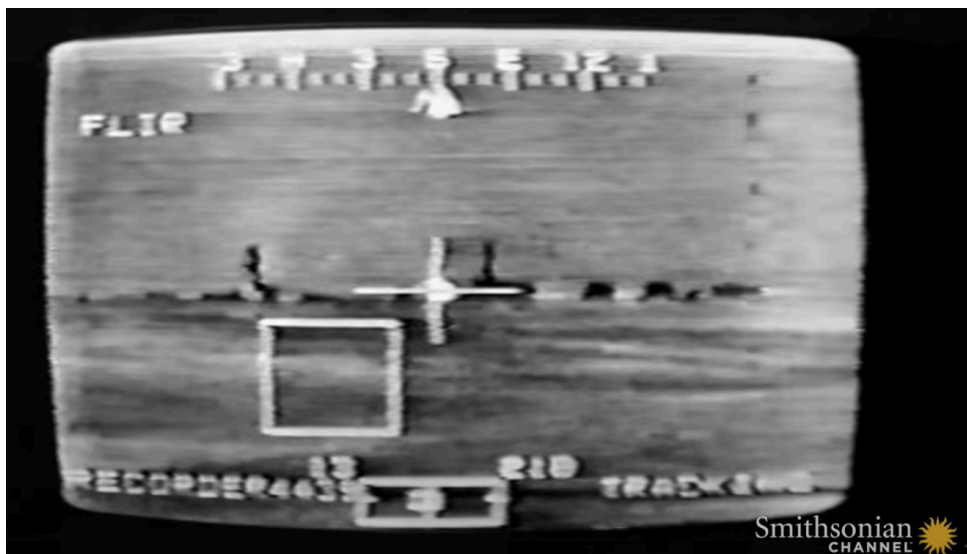


Figura 06: Imagem da câmera FLIR do helicóptero Apache, com imagem das instalações radar. Fonte: Smithsonian Channel.

Sobre a autonomia das aeronaves, ressalta-se o fato da opção por uma técnica nova de usar tanques de traslado, em detrimento de um Posto de Ressuprimento Avançado (PRA) que seria mobiliado por uma aeronave Chinook do 160th SOAR no deserto, fruto das lições aprendidas no acidente ocorrido na Operação Eagle Claw, no deserto iraniano.

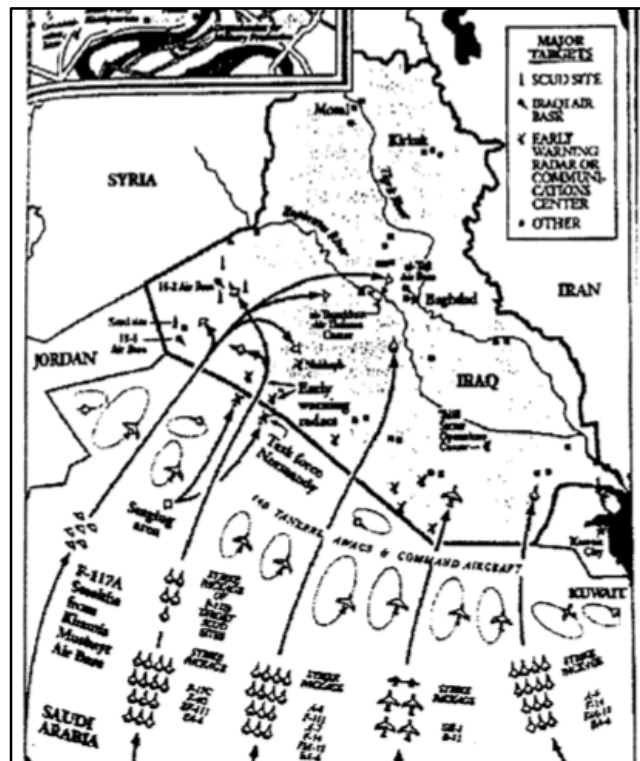


Figura 07: Esquema de manobra da Operação. Fonte: Randy G. Bergeron.

3. CONCLUSÃO

O ataque aos radares ocorreu simultaneamente à entrada de aeronaves EF-111 A Raven e F-117 A NightHawks, que conseguiram adentrar no espaço aéreo inimigo sem interceptação e assim realizaram intensos bombardeios em locais estratégicos de Baghdad. Na sequência, centenas de outras aeronaves cumpriram suas missões em território iraquiano, garantindo o sucesso da Operação Tempestade no Deserto.

Ao analisar esta operação, observa-se uma série de ensinamentos para a operação com helicópteros em ataque à posições com defesa antiaérea, dos quais citamos a importância do emprego do OVN e o perfil de voo a baixa altura para evitar a detecção radar inimiga; a importância do adestramento e dos ensaios para cumprir o Horário sobre o Objetivo (HSO) e garantir o sigilo nas comunicações rádio; os desafios para a navegação aérea, apresentados na forma de mapas desatualizados e um terreno desértico

de difícil navegação; o planejamento criterioso para equilibrar o combustível necessário no deslocamento e a munição requerida para destruir os alvos.

Conclui-se que o planejamento deste ataque foi eficiente para destruir uma importante defesa antiaérea inimiga, retornar sem baixas de material e pessoal, além de garantir o cumprimento subsequente dos objetivos da Operação Tempestade do Deserto.

4. REFERÊNCIAS

BERGERON, Randy G. **Desert Shield / Desert Storm: Air Force Special Operations Command in the Gulf War**. USA, Air Force Press, 2001.

CODY, Richard. **Task Force Normandy – Apaches Kick Off Desert Storm**. Apache Ranch. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6bNGlccQA0>. Acesso em: 23 de março de 2022.

COMER, Richard. **Operation Eager Anvil: Pave Low Leaders**. Defense Media Network, 2022. Disponível em: <https://www.defensemedianetwork.com/stories/operation-eager-anvil-pave-low-leaders>. Acesso em: 22 de março de 2022.

DORR, Robert. **Task Force Normandy Fired the Opening Shots of Desert Storm**. Defense Media Network, 2022. Disponível em: <https://www.defensemedianetwork.com/stories/task-force-normandy-fired-the-opening-shots-of-desert-storm>. Acesso em: 22 de março de 2022.

FRATUS, Matt. **Party in 10 – How Task Force Normandy Executed the 1st Strikes of Desert Storm**. Coffee or Die, 2022. Disponível em: <https://coffeeordie.com/task-force-normandy-desert-storm>. Acesso em: 22 de março de 2022.

KOPP, Carlo. **Operation Desert Storm: The Electronic Battle**. Air Power Australia, 2022. Disponível em: <http://www.ausairpower.net/Analysis-ODS-EW.html>. Acesso em: 22 de março de 2022.

MACKENZIE, Richard. **Apache Attack**. AirForce Magazine, 2022. Disponível em: <https://www.airforcemag.com/article/1091apache>. Acesso em: 22 de março de 2022.

MANN III, Edward C. **Thunder and Lightning: Desert Storm and Airpower Debates**. USA, Air Force Press, 1995.

SHUBERT, Frank N., KRAUS, Theresa L. **The Whirlwind War: The United States Army in Operations Desert Shield and Desert Storm**. Washington DC, Government Printing Office, 1995.

TAYLOR, Thomes. **Lightning in the Storm: The 101st Air Assault Division in the Gulf War**. USA, NY Times Books, 1994.

UNDERWOOD, Beth. **Blinding Saddam**. History Net, 2022. Disponível em: <https://www.historynet.com/blinding-saddam>. Acesso em: 22 de março de 2022.

WHITCOMB, Darrel D. **Combat Search and Rescue in Desert Storm**. USA, Air Force Press, 2006.